

Um novo eixo gravitacional? África e o Brasil

Augusto Nascimento*

P. 195-197

No *campus* de Gragoatá, em Niterói, de 13 a 17 de Agosto, ocorreu o II Encontro Internacional de Estudos Africanos da Universidade Federal Fluminense¹. Em plena greve das Universidades federais, que envolveu professores, funcionários e alunos, o Encontro congregou pós-graduandos e professores, rondando, por vezes, a centena de participantes. Tal já seria um dado a ter em conta como indício da trajectória dos estudos africanos, mais precisamente sobre África, no Brasil². De evento para evento, tem sido crescente o número de propostas de apresentação de comunicações. Antevê-se a elevação do padrão de qualidade em resultado do aumento da quantidade da produção³.

Quis-se, sobretudo, focar África, mais do que o objecto plástico das identidades africanas no Brasil, ainda que algumas comunicações versassem este tema. Privilegiou-se, pois, a historicidade de África.

Como noutros contextos e situações, a investigação percorre as linhas da história, o que conduz ao enfoque do Atlântico, que não é só o da relação entre EUA e Europa. Como pertinentemente se lembrou, até ao século XIX a placa giratória de gentes e de bens foi o Atlântico sul.

Entre outras consequências, esta onda de produção científica gerará um conhecimento da presença portuguesa em territórios africanos, desta feita interpretada por brasileiros, que apostam na leitura de fontes primárias. Ademais, redescobrem-se laços antigos, entre eles, a ligação do Maranhão⁴ com a região ocidental de África e, concretamente, com a Guiné-Bissau.

Natural que a pesquisa no Brasil verse, sobretudo, o período moderno⁵, mas o gigantismo do Brasil e a sua afirmação passarão pela atenção à história contemporânea. Seja como for, a breve trecho, a produção historiográfica implica um volume de trabalho sobre a presença portuguesa maior do que o que se terá em Portugal.

* Investigador auxiliar do IICT, Lisboa; colaborador do CEA/ISCTE-IUL, CEAUP e IHC da FCSH.

- 1 Este Encontro, II da institucionalização de um fórum que começou em 2009 como evento de estudantes mobilizados pelo seu objecto de estudo, teve a sua primeira edição internacional em 2011.
- 2 À margem da polémica sobre o acerto da designação "estudos africanos", diga-se que, apesar de assim denominado, o Encontro privilegiou as abordagens históricas sobre África.
- 3 Diga-se, África passou a ser temática de revistas de universidades brasileiras. África é o tema da edição acabada de sair da *Métis. História & Cultura*, v. 10, n.º 19, Janeiro/Junho de 2011, Caxias.
- 4 Motivo de redobrado comprazimento, a formação de massa crítica e a afirmação do produção científica começam a ocorrer fora do eixo Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas, Salvador.
- 5 No tocante à institucionalização da área de estudos, foi notado que, nas palavras-chave dos projectos a concurso para financiamento, *história de África* não está inscrita como escolha possível, tendo os projectos de referir *Brasil-colónia*. É possível que tal venha a ser alterado, em conformidade com a pujança de estudos sobre África. Já em Portugal se retrocedeu porquanto se eliminou a área de *estudos africanos*, com uma argumentação que, convencional como outras, reflecte dificuldades alheias à produção científica.

Decerto aflorarão disputas com maior ou menor valia para a construção do conhecimento. Nem sempre devidamente amparadas, surgirão questões acerca do Estado moderno, da colonização e do império e, principalmente, das entidades políticas africanas, de difícil nomeação. Substituir “reino” por “sobado”?, disse-se, *para dar nome ao que é...* Falar de “sítios de poder”? algo também vago...

A outro nível, quais as relações entre portugueses, brasileiros e africanos? Por exemplo, quando é que Angola começa a ser colónia (governada por um aparelho estatal burocratizado)? Luanda era colónia no século XVIII, sendo antes disso uma possessão? Como se questionou, porque é que as possessões de Portugal não seriam colónias se as possessões de outras coroas assim são consideradas? Perguntou-se igualmente: com as suas particularidades, em que é que a história de África pode contribuir para repensar conceitos clássicos da história ocidental (que, a meu ver, importaria entender não necessariamente como viés mas como perspectiva a ser redimensionada)?

De momento, Angola está na berlinda. Para a sedimentação da identidade e, porventura mais importante, para o reconhecimento do passado, carece-se de uma história que, evidentemente, terá de lidar com os factos menos consentâneos com a desejada coesão nacional. Em Angola, fruto de vicissitudes várias, a produção historiográfica é por demais desigual. Sinal do caminho a percorrer, há grupos que a têm, outros que não a têm elaborada. Como noutros países africanos, o interesse maior incide sobre o século XX, afinal, o do antecedente imediato da entidade política Angola. Também por razões deste tipo, se em Angola se acolhe a produção sobre o trabalho forçado, já se descarta a produção sobre a escravidão que, discutivelmente, se alega ter a ver com o continente americano, que não com a terra⁶.

Por entre as discussões, pretende passar-se de uma narrativa da evolução política para abordagens mais específicas que contemplem a multiplicidade de histórias da actual história. Ainda a propósito de Angola, salientou-se que uma história mais miúda, à luz de uma lente maior e menos atida à macronarrativa política, requer a consulta da documentação do Arquivo Histórico Nacional de Angola⁷ (no que, fruto de recursos e do saber estar e fazer, investigadores brasileiros ganharam recentemente a dianteira).

Facto consabido, a investigação não se obtém sem dedicação, antes demanda permanente exercício auto-crítico e distanciamento. Ora, não só no Brasil, África tende a tornar-se narradora dos estudos que versam sobre ela, tal é a tentativa de fazer reviver a sua voz. Qual eco desse élan, pergunta-se: porque é que de África apenas se lembram os marcos negativos? A questão é pertinente mas pode abrir espaço para testemunhos que tendem a tornar-se auto-referenciados para investigadores menos acautelados.

Ainda a respeito de Angola, defendeu-se que, apesar de ser lugar seguro, Luanda era o retrato mais fiel da guerra civil. A *Babel* resultante do escape da guerra terá ajudado a desencadear a criatividade linguística e de modos de vida. Uma característica da resiliência dos Angolanos seria a sua auto-estima, que os impele a interpretar, se não como ideal, ao menos como positivo o seu modo de vida. Ora, rir das consequências da

6 Referiu-se a circunstância de o Museu da Escravatura de Luanda conter artefactos relativos à escravidão no continente americano.

7 Ao mesmo tempo que se reclama acerca da inépcia ou, pelo menos, da inércia das instâncias governamentais da CPLP relativamente à liberdade de circulação dos cidadãos da CPLP, as instituições arquivísticas e respectivas tutelas mostram-se incapazes de um mínimo denominador comum relativamente à disponibilização dos seus fundos numa plataforma de reciprocidade e de cooperação, na base do que se poderiam apoiar projectos de pesquisa de cientistas de vários países da CPLP. Assim, cada qual faz como pode, reproduzindo ou reinventando assimetrias do passado...

inexistência de condutas de lixo dos prédios de Luanda será melhor que não rir, mas, diferentemente do pretextado, não significa que não se preferisse outro ambiente se tal se perfilasse num horizonte de possibilidades factíveis.

Apesar de raros episódios de alguma romantização de África, é óbvio o esforço de entendimento do que se passou. Se isso tem ou não importância para o Brasil, dependerá do Brasil e da medida como o conhecimento for mobilizado. Para o Brasil e, afinal, para todos os implicados.

No país com a maior população de afro-descendentes do mundo – facto amiúde esquecido pela história da diáspora negra –, é enorme o apelo ao avanço do ensino de história de África, que passa pelo compromisso dos agentes, pelo reconhecimento das suas limitações – em parte derivadas quer do recente quadro legislativo, quer da (im)preparação dos professores – e pela renovação que, quer crer-se, tal ensino trará ao diálogo social. Com efeito, com ele aprofunda-se o conhecimento da dimensão africana – não necessariamente matricial, alvitaria – da cultura brasileira, eleva-se a auto-estima da população negra e fortalece-se a luta contra o racismo, itens que, dir-se-ia, lembram os da renascença africana.

Entre os pesquisadores, a questão da avaliação e da qualificação da sua produção pesa. A língua portuguesa não é língua de comunicação científica e a produção em língua inglesa é crivo fundamental para a internacionalização da produção brasileira, tal o reparo dos que andam por fora e que, por exemplo, nos EUA apresentam uma outra África, mormente Angola, até há pouco menos familiar do que a Nigéria ou a África do Sul.

Porém, outros cientistas brasileiros revelam-se menos provincianos do que portugueses e reafirmam a conveniência do uso da língua portuguesa. E perguntam-se: a quem interessa o que escrevemos? A pergunta tem sentido porque os que avaliam não serão os mais interessados na produção científica em português.

O crescimento e a especialização da produção suscitarão dúvidas em torno do objecto África e das vantagens da comparação dos vários casos e de um diálogo científico mais lato⁸. Sente-se a necessidade de novos temas e de novas abordagens, de expansão do saber de brasileiros a outras zonas como a África do Sul (objecto de um painel neste evento), Camarões, a acrescentar a Angola, ao Congo e à Nigéria. Esse é o fado do Brasil, o de ser bem menos comedido do que, por exemplo, Portugal onde, não obstante trabalhos individuais, se teima nas ex-colónias. Compreensivelmente, opinar-se-á...

Se por algum tempo, os cientistas brasileiros olharam para a produção portuguesa – e neste evento fez-se justiça à valia de alguma produção do tempo colonial –, não tardará muito que não só angolanos mas também portugueses tenham de olhar a produção brasileira. A produção historiográfica brasileira não será o centro de gravidade, mas será certamente um pólo gravitacional da historiografia sobre África, mormente da que costuma interessar-nos.

8 Como sucede(rá) noutros fóruns, as questões virão: o que nos une? Será que procuramos a mesma África ou os mesmos Africanos?, tais os reflexos da complexidade e do desdobramento das abordagens. Uma reflexão aprofundada permitiria afastar equívocos, entre eles, o de considerar como comparação o somatório de exposições do "caso" de cada investigador, sem qualquer inquietação acerca da profundidade, validade e pertinência dessa suposta perspectiva comparativa.